

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE ÍNDICES DE MODALIZAÇÃO E PRÁTICAS DE LEITURA\*

Ida Lúcia Machado\*\*

**Resumo:** Neste artigo, propomos uma abordagem dos índices de modalização. Tomamos como ponto de partida duas idéias “precursoras” sobre a subjetividade na linguagem — as de Bréal e Benveniste — para chegar à visão do conceito de modalidade segundo Patrick Charaudeau. Apresentamos, a seguir, uma proposição de classificação das categorias de modalização que, acreditamos, poderá ser amalgamada às idéias de Patrick Charaudeau. Para concluir, oferecemos uma sugestão de leitura das marcas modalizantes em uma tentativa de aplicação prática dos conceitos aqui examinados.

Em 1890, Michel Bréal publicou um livro intitulado *Essai de Sémantique: science de significations*, onde expôs algumas idéias sobre o que chamou de “*elemento subjetivo*”, qualificando-o como “*fundamento primordial*” da linguagem. Porém, foi Emile Benveniste, no seu famoso *Problèmes de Linguistique Générale 1*, que amadureceu e aprofundou tal temática. Observemos, a título de ilustração, um parágrafo deste autor:

---

\*Recebido para publicação em maio de 2000.

\*\* Professora Adjunta do Departamento de Letras Românicas da Faculdade de Letras da UFMG.

*La "subjectivité" dont nous traitons ici est la capacité du locuteur à se poser comme "sujet". Elle se définit, non par le sentiment que chacun éprouve d'être lui-même (...) mais comme l'unité psychique qui transcende la totalité des expériences vécues qu'elle assemble, et qui assure la permanence de la conscience. Or nous tenons que cette "subjectivité" (...) n'est que l'émergence dans l'être d'une propriété fondamentale du langage. Est "ego" qui dit "ego". Nous trouvons là le fondement de la "subjectivité", qui se détermine par le statut linguistique de la "personne". (BENVENISTE, 1966: 259, 260)*

A subjetividade se manifesta pois pelo uso de certas formas languageiras, ela não precede a possibilidade da expressão, já que *"le langage n'est possible que parce que chaque locuteur se pose como sujet, en renvoyant à lui-même comme je dans son discours."* (BENVENISTE, 1966:260). Note-se que Benveniste está aí falando de uma qualidade inerente aos usos languageiros: a auto-referenciação. Assim, o emprego da linguagem refere-se, em primeiro lugar, a este emprego; só depois é que ele remete a um objeto do mundo. Em outros termos, a auto-referenciação própria à enunciação precede a designação de um referente. Entretanto, diz Benveniste, a referência ao mundo faz parte integrante do enunciado. Coexistem assim, dentro do ato de enunciação, o ato de conversão e o ato de apropriação da língua para transformá-la em **discurso**: o resultado desta "combinação" de atos é sempre modalizado, ainda que os graus de subjetividade expressos nos diferentes atos de linguagem se diferenciem, conforme as intenções comunicativas do sujeito enunciador. Assim, um determinado ato de linguagem poderá ser concebido para ocultar completamente seu enunciador ou, ao contrário, para evidenciar uma certa paixão ou um certo distanciamento daquele que assume a palavra face ao objeto desta. Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que todos os atos de linguagem são, de um forma ou de outra, modalizados.

## Modalizando enunciados

Observemos estas três definições que irão nos ajudar a melhor entender o problema da modalização nos enunciados:

i) a definição de *modus* fornecida por BALLY (1965:38): “(...) *la forme linguistique d'un jugement intellectuel, d'un jugement affectif ou d'une volonté, qu'un sujet parlant énonce sur une perception ou sur une représentation de son esprit.*”

ii) A definição de *modalidade*, fornecida por LE QUERLER (1996:61): “Je proposerai donc comme définition de la modalité: *expression de l'attitude du locuteur par rapport au contenu propositionnel de son énoncé.*”

iii) E finalmente, a definição de *modalização*, proposta por CHARAUDEAU (1992:572): “*La modalisation ne constitue donc pas qu'une partie du phénomène de l'Énonciation, mais elle en constitue le pivot dans la mesure où c'est elle qui permet d'explicitement ce que sont les positions du sujet parlant par rapport à son interlocuteur(...), à lui-même (...) et à son propos (...).*”

Não nos esquecendo das teorias da subjetividade na linguagem de Benveniste e fazendo um amálgama das três definições propostas, podemos chegar a duas conclusões:

i) o sujeito falante, ao se comunicar, deixa transparecer em seus enunciados *marcas* que mostram sua posição face às mensagens transmitidas; esta posição pode ser, conforme as circunstâncias do discurso, fruto de suas idéias particulares, enquanto indivíduo “único”, sobre uma determinada concepção do mundo ou, então, uma atitude conscientemente assumida e/ou imposta pelos contratos discursivos gerados pela vida em sociedade. Porém, em um caso como no outro, o sujeito falante, no exercício da linguagem, estará realizando *mises-en-scènes*, enquanto *ator* de um mundo discursivo;

ii) dentro destas *mises-en-scènes* se situarão pois elementos *a priori*, “visíveis”, que possibilitarão a “leitura” das intenções (expostas ou não-expostas) do sujeito-falante. Mas esta “visibilidade” não é

uma condição *sine qua non* da modalização. Lembramos que, como diz CHARAUDEAU (1992:573), o “não-dizer” ou o “dizer implícito” constituem também *marcas* da atitude modalizadora do sujeito-falante, como veremos mais adiante.

É a exploração destas *configurações visíveis ou não-visíveis* que, acreditamos, pode constituir o objeto de uma leitura passível de ser realizada em sala de aula. Mas antes de tentar tal aplicação, vejamos como podem ser vistos, tendo já em vista a aplicação prática da teoria, os marcadores da enunciação e suas configurações.

### Marcadores da enunciação

Gostaríamos, neste ponto de nosso artigo, de nos apoiarmos nas concepções formuladas por CHARAUDEAU (1984 e 1992) sobre a modalização e enunciação. Para o citado teórico, no domínio da enunciação, é preciso, em primeiro lugar, refletir sobre três fatos — à primeira vista banais — mas de suma importância para a reflexão lingüístico-discursiva:

i) para começar, a importância não só de Benveniste (1966), como também a de Austin (1962) para a teoria enunciativa. Benveniste por ter estudado, como já foi dito, a subjetividade no âmago da linguagem; Austin, por ter evidenciado o fato de que o sentido se constrói através de forças relacionais. Não se pode esquecer que ambos contribuíram — e muito — para tirar a problemática da construção dos sentidos de sua antiga concepção binária (língua/mundo) colocando-a numa perspectiva triângular (que vai subordinar a referência ao mundo — o proposicional — à intersubjetividade dos interlocutores — o relacional.)

A partir daí Charaudeau enfatiza que o sentido não é apenas aquilo que pode ser explicado de modo evidente, ou seja, através de uma combinação do semantismo das palavras — ou seja, através da polisemia, de conotações — mas é também o que não é dito de modo explícito, o que é implícito.

Em outros termos: o sentido não está só no explícito ou só no implícito, ele deve ser buscado na conjugação dos dois. Ora, se aceitarmos a existência de um sentido relacional e de uma dimensão implícita da significação discursiva, estaremos simultaneamente aceitando o fato de que há um “fora da linguagem” ou seja, uma “realidade extra-lingüística” a ser considerada<sup>1</sup>.

ii) A seguir, Charaudeau lembra que a enunciação não seria então — como às vezes é dito — um “segundo tempo” dentro da constituição do ato de linguagem, apenas uma “roupa” que viria “vestir” esse ato de linguagem. Lembrando o que diz Benveniste, a língua seria tão somente a possibilidade da língua, antes da realização do ato enunciativo; assim, o discurso só se constrói através da enunciação.

iii) Finalmente, Charaudeau propõe que consideremos a enunciação como um fenômeno complexo, como uma “testemunha” do modo pelo qual o sujeito falante se apropria da língua, a fim de organizar seu discurso. E, através desse processo de apropriação, tal sujeito é levado, por assim dizer, a se posicionar face ao seu interlocutor, face ao mundo que o rodeia e face a seu dito. Ou seja: é levado a “modalizar” o seu discurso.

Tendo feito este necessário preâmbulo, Charaudeau mostra onde pode se verificar a eclosão dos marcadores que remetem ao ato de enunciação. Tais índices, para ele, podem ser verificados:

— através de sistemas formais (ou seja, os pronomes pessoais, demonstrativos, tempos, modos verbais, etc.);

— de modo “mais discreto” (ou seja, através de adjetivos ou advérbios);

— na organização do discurso (e aí Charaudeau está se referindo a sua classificação do discurso em categorias tais como os modos

---

<sup>1</sup>Aí reside, a nosso ver, um dos grandes méritos das teorias discursivas de Patrick Charaudeau, ou seja, a “coragem” deste pesquisador em assumir o “extra-lingüístico” como objeto de estudos, mostrando que o situacional e o psicossocial do indivíduo comunicante “marcam” seus atos de linguagem. Assim uma “ponte” é criada entre o “extra” e o “intra”-lingüístico.

de organização enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo).

Mas o citado teórico hesita em considerar a modalização como uma espécie de categoria formal. Isto porque:

i) as marcas lingüísticas, diz, não são monosêmicas; uma mesma marca pode receber diferentes sentidos, de acordo com as particularidades do contexto no qual ela se encontra; é então lembrado, a título de exemplo, o caso do verbo “querer”. Observando estas três ocorrências do verbo em questão veremos que em (1) “querer” exprime um desejo, em (2), uma ordem e em (3) um pedido.

- (1) Eu quero ir embora
- (2) Eu quero que você cale a boca.
- (3) Você não quer vir comigo?

ii) por outro lado, uma mesma marca lingüística, em um mesmo contexto lingüístico, pode exprimir simultaneamente várias intenções de comunicação. Tomemos por exemplo o enunciado seguinte:

*(4) Sem te interromper posso falar uma coisa, rapidinho?*

que poderá significar, segundo as intenções de comunicação:

- (4') Eu finjo pedir autorização para falar pouco mas vou falar muito.
- (4'') Eu gosto de interromper a fala dos outros, assim “apareço”.
- (4''') Você fala demais, agora é minha vez.

iii) Acontece também o inverso ou seja, uma mesma intenção de modalização pode ser expressa por marcas lingüísticas que pertencem a sistemas formais diferentes. Aí se enquadram alguns casos ligados à categoria da “ordem”. Assim:

- (5) *Sai daqui, vai embora!*
- (6) *Some!*
- (7) [gesto com o dedo indicando a porta]

iv) Pode acontecer, enfim, que a modalização não seja expressa por nenhuma marca lingüística; aí vai ser a organização do enunciado como um todo que irá mostrar a presença de uma determinada modalidade enunciativa. Assim, a modalização pode estar no implícito do discurso. Basta pensar, por exemplo, em certos usos da ironia, da litotes...

Nessa ótica, a modalização é então considerada como uma *categoria conceitual*, que abarca diferentes meios de expressão, meios estes que permitem ao sujeito falante explicitar suas posições e intenções comunicativas. A modalização vai então se compor de um certo número de atos enunciativos de base, que correspondem a uma tomada de posição particular do locutor em relação ao seu ato de locução.

E como Charaudeau chama estes atos de base? Ele os chama de: *atos locutivos e modalidades enunciativas*.

Há três tipos de *atos locutivos*: os *alocutivos* (o locutor implica o interlocutor no seu ato de enunciação), os *elocutivos* (o locutor situa o seu dito em relação a ele mesmo, revelando sua própria posição) e os *delocutivos* (tanto o locutor quanto o interlocutor parecem ausentes do ato de enunciação). O que pode ser, numa visão bastante rápida, ilustrado, respectivamente, pelos três enunciados a seguir:

- (8) Paulo, corre aqui para ver uma coisa! (ato alocutivo)
- (9) Eu adoro Sean Connery. (ato elocutivo)
- (10) Quem semeia ventos colhe tempestades. (ato delocutivo)

Isto posto, Charaudeau vai então se preocupar com as *configurações lingüísticas*, lembrando que uma mesma modalidade pode ser configurada de diversos modos. Vejamos quais são eles no próximo segmento.

## Configurações das modalidades: duas visões que podem ser complementares

Começemos pois pela visão de Charaudeau sobre o assunto. Segundo ele, o sujeito-enunciador pode exprimir sua atitude em relação ao conteúdo proposicional de seu enunciado:

i) *através de marcas formais explícitas que podem aparecer em:*

— verbos: “*Eu penso que...*”, “*Eu devo...*”, “*Eu duvido que...*”, etc.;

— advérbios e locuções adverbiais: “*sem dúvida*”, “*talvez*”, “*incontestavelmente*”, etc.;

— adjetivos, em construções pessoais: “*É lindo, lindo!*” ou “*horrível*”, “*espantoso*”, “*É provável que*”, “*Isso é meio duvidoso...*”, etc.;

— entonações, pontuações, que darão, conforme o caso, um tom imperativo, interrogativo ao ato de linguagem.

ii) *através do contexto ou situação de comunicação:*

— às vezes, hesitações ou repetições na enunciação podem ser índices de modalidades. Neste caso, é difícil definir qual é o tipo de modalidade: ela vai se inserir no implícito do discurso e este depende da situação de comunicação. Uma coisa porém é certa para Patrick Charaudeau: o estudo dos implícitos está ligado à análise do discurso e não às categorias da língua.

Em nossa opinião, as marcas de modalidade acima podem se encontrar e/ou se mesclar às seguintes categorias, por nós propostas<sup>2</sup>:

i) a das **modalidades lógicas**, suscetíveis de refletir as diferentes nuances do provável, do possível, da necessidade e da eventualidade;

ii) a das **modalidades apreciativas** que podem evidenciar as opiniões, os julgamentos, as apreciações;

<sup>2</sup> Cf. MACHADO, Ida Lúcia. *Les faits divers et leur application pédagogique*. Dissertação de Mestrado defendida na USP em setembro de 1985, página 154 e seguintes e também nota 148 da página 154.



iii) a das **modalidades de topicalização** que colocariam em destaque uma determinada parte do enunciado;

iv) a das **modalidades intersubjetivas** que tratariam das relações que os enunciadores mantêm com seus interlocutores;

v) a das **modalidades autoreferenciais**, onde incluíremos a auto-ironia, a auto-crítica, a retificação do dito, enfim, todos os atos languageiros pelos quais nos referimos aos nossos próprios ditos.

vi) a das **modalidades interdiscursivas**, ou seja, aquelas em que são evidenciadas a heterogeneidade dos sujeitos participantes do ato de linguagem.

Dessa forma, as marcas formais explícitas expressas em um determinado contexto gerariam modalidades que poderiam ser encaixadas em uma (ou em mais de uma) das categorias acima expostas.

### **Aplicação prática das teorias expostas: sugestão de leitura das marcas modalizantes**

Para complementar aulas que têm por base o estudo de elementos ligados às **teorias do discurso**, temos o hábito de propor aos estudantes a leitura de textos publicitários, de imprensa ou literários. Dentro desta última acepção, pequenos contos ou crônicas, por exemplo. Enfim, textos relativamente curtos, a partir dos quais será possível explicar certos fenômenos languageiros: temos assim trabalhado, em grupo, com a ironia, a paródia, o dialogismo, os diferentes sujeitos que perpassam o texto, entre outros. Acreditamos que este procedimento, além de testar a validade das teorias estudadas, pode oferecer também ao aluno-professor ou futuro professor, algumas técnicas de leitura próprias da metodologia que se convencionou chamar "Instrumental" e que ele poderá, eventualmente, replicar em seus próprios cursos.

A crônica de Manuel Bandeira agora apresentada (*Rosa em três tempos - III*), foi por mim efetivamente trabalhada com meus

alunos, com o objetivo de, através de um exame conjunto, detectar algumas marcas modalizantes do texto. Isso foi feito logo após termos efetuado a identificação dos sujeitos *comunicante/enunciador* e *destinatário/interpretante*, seguindo para tanto o quadro enunciativo de Patrick Charaudeau (1983). Não nos deteremos neste assunto que tem sido bastante examinado em diferentes trabalhos ligados à Análise do Discurso<sup>3</sup>, indo diretamente para o enfoque principal do artigo.

Assim, após uma aula explicativa sobre o fenômeno da modalização e distribuição de de “listas” contendo as configurações lingüísticas propostas por Charaudeau e nossas categorizações de modalidades, foi lido o texto sugerido (*vide* final do artigo).

Solicitamos então aos alunos que indicassem, para começar, quais as marcas de modalidades mais evidentes, a seus olhos. As respostas não se fizeram tardar: todas as marcas de modalidade de nossa lista, de (i) a (vi) foram identificadas. Fornecemos alguns dos exemplos apontados:

i) **modalidade lógica**: a probabilidade contida no último enunciado do texto: “*Que tal Rosa? Que tal, leitores?*”

ii) **modalidade apreciativa**: os “gostos” expressos nos 1º, 2º e 4º parágrafos: “*Tenho um amigo que não vai com Guimarães Rosa escritor: ‘—Gosto da prosa pão pão, queijo, queijo’, diz ele. ‘Rosa é torcicoloso’. Respondo-lhe que também gosto da prosa pão pão, queijo queijo, mas Rosa, como Joyce, há que se aceitar como exceções.’ ‘Uma das invenções mais surpreendentes de Rosa (...).’*”

iii) **modalidade de topicalização**: o poema que encerra o texto, por si só, já é um caso de *topicalização*, pois retoma e ressalta

---

<sup>3</sup> O quadro enunciativo que define a posição dos 04 (quatro) sujeitos do ato de linguagem, foi lançado por Patrick Charaudeau em seu livro *Langages et discours* (1983). A partir de 1996 este mesmo quadro foi explicado e utilizado em várias dissertações e teses defendidas no PosLin da FALE/UFMG e em artigos publicados pelos membros do NAD-FALE/UFMG.

uma parte já citada no macro-enunciado (a crônica): “*Depois de morto*”, que passa a “comandar” todo o resto da “narrativa” poética.

iv) **modalidade intersubjetiva**: aqui, os alunos citaram novamente o último enunciado do texto, e a “conversa” mantida entre o narrador/sujeito-enunciador e os sujeitos-destinatários (respectivamente: “*um amigo*”, “*Rosa*”, “*leitores*”).

v) **modalidade autoreferencial**: foram citadas as duas auto-críticas feitas pelo poeta: 1ª) a de seu trabalho como poeta, no 6º parágrafo: “(...) *direi meia dúzia de lugares-comuns e rematarei dando consistência ao mingau ralo (...)*”; 2ª) a de sua insignificância enquanto homem/alma: o verso “*Mas quem sou eu? Não mereço.*”, no corpo do poema. Ainda neste, foi lembrado o verso “*E então me abismarei na contemplação de Deus e de sua glória*”, onde, por assim dizer, o narrador-poeta “mergulha” em si mesmo, numa espécie de “*alumbramento*”. Finalmente, a retificação feita no final (6º parágrafo) também foi lembrada: “*Assim, por exemplo (é um ensaio):*”.

vi) **modalidade interdiscursiva**: vários casos foram apontados: 1º) no interior da crônica: a transcrição das palavras do “*amigo*”, onde existe uma citação proverbial, imputada à *vox populi*; as “vozes” de Mallarmé, Guimarães Rosa, Nilton Silva, que perpassam o corpo do texto (respectivamente nos 2º, 4º e 5º parágrafos); 2º) no interior do poema, o próprio título deste (*Poema com uma linha de Guimarães Rosa*) e a “linha”-verso em questão: “*Desta outra vida de aquém-túmulo.*”

A partir daí, foi fácil fazer um levantamento, seguindo o esquema de Patrick Charaudeau, das **marcas formais explícitas** que “provocam” as modalidades apontadas. Sem nos alongarmos muito, foram destacados então: i) verbos como “*gostar*”, “*plagiar*”, “*querer*”; ii) adjetivos como “*torcicoloso*”, “*surpreendentes*”, “*bonitos*”, “*esquecido*”; iii) a pontuação (frases exclamativas, interrogativas), o uso de signos ortográficos (como as aspas).

Examinamos também as situações de comunicação, dentro do contexto proposto, que deram origem a um certo tipo de modalidades. Classificamos neste caso o neologismo feito por Guimarães Rosa (“*hitlerocidade*”), lembrado no 2º parágrafo. Mostramos aos alunos que este neologismo pode ser amalgamado à expressão “*cirurgia plástica*”, enunciada um pouco antes pelo narrador: trata-se de um caso interessante de auto-referencialização a nível do intra-textual (o texto em si) e do extra-textual (o *clin-d’œil* feito aos neologismos, em geral, da obra de Guimarães Rosa). Aparece então aí, a nosso ver, um caso de ironia do Eu-sujeito-comunicante, que realiza um “jogo” com o eu-sujeito-enunciador. Tal modalidade se situaria pois no *implícito* do dito.

Um outro caso que pode ser examinado nesta ótica é o da inclusão/apropriação feita pelo narrador da “linha” de Guimarães Rosa, no *Poema com um linha de Guimarães Rosa*. Como a “brincadeira” foi largamente anunciada pelo narrador, a morte, tema do poema em questão, perde seu caráter trágico, pois vê-se banhada pela (doce) ironia que existe no lúdico.

## Conclusão

De um modo geral, os estudos sobre a modalidade e suas diferentes configurações nos levam a “descodificar” a atitude do sujeito comunicante face ao seu dito, ao seu ouvinte e a sua representação de mundo. A modalidade é pois como o diz Benveniste, uma “asserção complementar” (1974:187) que pode aparecer sob formas diversas, segundo os diferentes autores que têm trabalhado o assunto. No presente artigo centramos nossa atenção na visão de Charaudeau por julgar que ela abrange dois aspectos fundamentais do ato de linguagem ou seja: sua parte interna — a lingüística — e sua parte externa — a extra-lingüística — e tentamos amalgamar estes dois aspectos a categorias modalizadoras que acreditamos de fácil aplicação

em se tratando da leitura de textos, em uma situação de leitura em sala de aula.

Quisemos enfim mostrar, através desta descrição teórica e de um modelo de aplicação prática, que os estudos discursivos podem possibilitar diferentes abordagens e propiciar uma prática de leitura agradável para o grupo (professor incluído) pois tais estudos levam ao prazer da descoberta da “fabricação” de um texto, com seus encantos e mistérios. Vimos assim que quando o sujeito-enunciador se apropria da linguagem, ele tem a seu dispor, no âmbito das modalidades, várias formas que poderão ajudá-lo a bem exprimir seus pensamentos.

*Résumé : Nous nous proposons, dans cet article, d'approcher les indices de modalisation. Nous nous appuyerons tout d'abord sur deux notions de base concernant la subjectivité, dues à Bréal et à Benveniste pour pouvoir ainsi toucher à la modalisation selon Patrick Charaudeau. Nous proposons ensuite un classement de ce phénomène qui pourra, à notre avis, être amalgamé aux idées de Patrick Charaudeau. Pour conclure, nous suggérons une approche pratique des théories ici examinées.*

## Anexo

### Rosa em três tempos - III

Tenho um amigo que não vai com Guimarães Rosa escritor: “— Gosto da prosa pão pão, queijo, queijo”, diz ele. “Rosa é torcicoloso.”

Respondo-lhe que também gosto da prosa pão pão, queijo, queijo, mas Rosa, como Joyce, há que aceitar-se como exceções. Têm o direito de não ficar em se servirem da língua, como toda a gente, ou de o fazerem, mas acrescentando, como Mallarmé, “um

sentido novo às palavras da tribo”. Rosa inventa palavras, deforma-as, desintegra-as, recompõe-nas, faz alquimias, cirurgia plástica, sei lá o que seja. De *Hitler e atrocidade* já fez *hitlerocidade*, monstro esplêndido.

A restrição que, uma vez ou outra, tenho a impertinência de lhe fazer é a sua mesma extrema opulência de invenção verbal. Rosa não se repete, não tira clichês de seus achados. Começa que a gente nunca sabe quando a invenção é dele ou é do povinho de seu município mineiro.

Uma das invenções mais surpreendentes de Rosa foi aquilo de falar “nesta outra vida de aquém-túmulo”. O que eu não dava para ter fabricado isso! Agora é tarde, está achado, e o único jeito é plagiar.

Resolvi fazer como Nilton Silva, que escreveu uns bonitos versos a que intitulou “Poema com um Verso de Manuel Bandeira”. O meu verso é “Eu quero a Estrela da Manhã!” Sobre ele Nilton teceu as suas variações.

Procederei um pouco diferentemente: direi meia dúzia de lugares-comuns e rematarei dando consistência ao mingau ralo com o tutano verbal de Rosa. Assim, por exemplo (é um ensaio):

Poema com um linha de Guimarães Rosa

Depois de morto,/ Primeiro quererei beijar meus pais, meus irmãos,  
meus avós, meus tios, meus primos./ Depois irei abraçar longamente  
uns amigos — Vasconcelos, Ovalle, Mário.../Gostaria ainda de me  
avistar com o Santo Francisco de Assis./ Mas quem sou eu? Não  
mereço./ E então me abismarei na contemplação de Deus e de sua  
glória./ Esquecido para sempre de todas as delícias, dores, perplexidades/  
Desta outra vida de aquém-túmulo.

Que tal Rosa? Que tal, leitores?

(Manuel Bandeira, *Andorinha, Andorinha*)

### Referências bibliográficas

- AUSTIN, J.L. *Quand dire, c'est faire*. Paris: Seuil, 1962-1970.
- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. Berne: A. Francke S.A., 1932-1944.
- BANDEIRA, M. *Seleta em prosa e verso*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1971.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale, I*. Paris: Tel Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale, II*. Paris: Tel Gallimard, 1974.
- BRÉAL, M. *Essai de Sémantique: science de significations*. Genève: Slaktine, 1890-1976.
- CHARAUDEAU, P. *Langages et discours*. Paris: Hachette, 1983.
- CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- LE QUERLER, Nicole. *Typologie des modalités*. Caen: P.U.C., 1996.
- MACHADO, Ida Lúcia. *Les faits divers et leur application pédagogique*. Dissertação defendida na USP, setembro de 1985.